

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA-Rio  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Relatório de pesquisa

**MATÉRIA PENSANTE:  
DA LESÃO CEREBRAL  
À RECONSTRUÇÃO DE SI**

Bolsista:

Bartholomeu de Aguiar Vieira

Orientadora:

Monah Winograd

Agosto de 2009

## SUMÁRIO

1. Apresentação da pesquisa.....	03
2. Atividades desenvolvidas e resultados parciais.....	04
3. Desenvolvimentos futuros.....	05
5. Articulações teóricas.....	05
4. Bibliografia.....	12

## 1 Apresentação da pesquisa

Nossa pesquisa objetiva a investigação da relação entre Psicanálise, Ciências Cognitivas e Neurociência. Perguntamos se seriam epistemologicamente incompatíveis ou, ao contrário, se seria possível positivar algum diálogo? Nesse caso, através de quais comutadores teóricos um campo comum poderia ser construído? Porque a antipatia recíproca? Será somente uma questão de objeto de estudo ou de campo conceitual? O que está em jogo? O que a Psicanálise tem a dizer sobre o assunto? É o caso de se produzir apenas uma crítica da razão cognitiva?

Esse projeto realiza uma abordagem em três blocos:

- a) O primeiro bloco se dedica a mapear os modelos em jogo na intenção de verificar a possibilidade do estabelecimento de um diálogo entre os saberes.
- b) O segundo bloco se refere à disponibilidade da psicanálise para redefinir determinados conceitos a partir da interlocução com as Neurociências, em particular.
- c) Por fim, o terceiro bloco diz respeito à exoconsistência da própria Psicanálise, ou seja, quais seriam os confins e limites desse campo de saber? Até que ponto foi possível chegar e de onde devemos começar a interlocução?

Tendo em vista esses objetivos, os pesquisadores da pós-graduação desdobraram esta pesquisa em uma investigação clínica envolvendo o atendimento psicanalítico a pacientes com lesão cerebral com o objetivo de afinar o instrumental técnico e permitir a emergência de novas questões, bem como formatar um modelo específico de atendimento (duração, procedimentos e tipos de intervenção) para pacientes com distúrbios neurológicos.

Para o desenvolvimento da pesquisa, fizemos inicialmente um levantamento bibliográfico da obra freudiana a respeito da questão das relações entre corpo e psiquismo. Além disso, através de estudos quinzenais, foram inventariados os modelos freudianos, bem como alguns conceitos-chave para o aprofundamento dos objetivos da pesquisa, tais como o de pulsão e aqueles relativos aos princípios do funcionamento psíquico.

## 2 Atividades desenvolvidas e resultados parciais

Foram desenvolvidas, até o presente momento, as seguintes atividades:

- a) Investigação teórica, através de bibliografia pesquisada sobre o assunto, bem como leitura sistemática de textos de Freud relativos à temática da pesquisa;
- b) Leitura e tradução, em conjunto com o bolsista de iniciação científica/FAPERJ, Lucas Thuin, do texto ““Evolution and dissolution of the nervous system”, de John Hughlings-Jackson, escrito em março de 1884 e ainda inédito em português. Além da sua importância histórica, tal texto foi influência marcante no modo como Freud pensava as relações entre cérebro e psiquismo. Foram feitas consultas quanto ao interesse na publicação do texto em periódicos de Psiquiatria ou Psicologia;
- c) Organização do material clínico coletado pelos pesquisadores envolvidos no atendimento aos pacientes com lesão cerebral — transcrições, resultados de testes, gravações em fita, avaliações neurológicas e fonoaudiológicas — em pastas para acesso mais fácil e rápido em consultas futuras;
- d) Aprimoramento do site da pesquisa ([www.materiapensante.blogspot.com.br](http://www.materiapensante.blogspot.com.br)) com a transferência dos arquivos de textos para outra hospedagem, já que estes encontravam-se disponíveis para visualização mediante apresentação de senha (uma vez que estavam hospedados no disco virtual da UOL), dificultando o acesso do público;
- e) Conversão, em um único texto, dos trabalhos produzidos pelo grupo de pesquisa a respeito dos modelos de aparato psíquico propostos por Freud (1891, 1895, 1896, 1900, 1923 e 1931).
- f) Apresentação na jornada PIBIC no ano de 2009

### 3. Desenvolvimentos futuros

Com a conclusão dessas etapas, nos preparamos para os seguintes passos:

- a) Transferência dos áudios em fita K-7 das sessões psicanalíticas realizadas pela equipe clínica para um formato de mídia mais atual e de maior durabilidade, tal como MP3 ou WMA.
- b) Tendo em vista a relevância da publicação de John Hughlings-Jackson e observando a dificuldade de sua publicação em periódicos científicos devido ao tamanho do texto, editaremos a tradução de modo a submeter uma proposta de publicação bilíngüe comentada no formato de livro pela PUC –Rio
- c) Produção de novo layout e design para o site de modo a torná-lo mais ágil e mais fácil acesso e adequá-lo aos padrões do novo hospedeiro.

### 4 Articulações teóricas

São cinco os modelos de aparato psíquico desenhados por Freud ao longo de sua obra. O 1o. modelo encontra-se no livro sobre as afasias, de 1891, onde Freud rompe com a teoria das localizações. Em um trabalho ainda no campo da neurologia, Freud demonstra seu ponto de vista discordante de Wernicke a respeito das afasias. Freud acredita que um distúrbio de linguagem, por ele denominado de parafasia, não tem uma relação de causa-efeito com as lesões cerebrais. Para isso, o autor propõe o exemplo das pessoas que, quando fatigadas, desatentas ou sob influência de afetos perturbadores apresentam o mesmo problema que os pacientes com lesões cerebrais. Para Wernicke, o aparelho de linguagem fazia apenas a tradução do mundo externo no córtex cerebral. Freud critica essa concepção, atribuindo ao aparelho funções próprias e atribuindo uma relação de correspondência entre fisiológico e o psíquico. Dessa forma, substitui-se a noção de “impressão” para “correlato fisiológico” e isso remete à passagem da noção de “elemento” para “processo”: a representação é um processo, não um elemento, que se dá ao longo de caminhos particulares e deixa no córtex modificações que tornam possível a recordação. O psíquico é pensado então como imagens mnêmicas. A idéia central da concepção dominante na época em que Freud escreve As Afasias era a de que

fibras nervosas devem permanecer imutáveis com a passagem da excitação, devendo apenas fazer a ligação entre a periferia e o centro. Freud recusa a idéia de que, por um lado, a representação é uma cópia da impressão e está localizada na célula nervosa do córtex, e por outro lado, que as associações entre as representações se fazem em outro lugar, ao invés de se darem ambas, representações e associações, no córtex. Recusa também a idéia de que as fibras nervosas sejam meros condutores neutros sem nenhuma interferência sobre a transmissão da excitação que não seja uma interferência perturbadora. Resumindo, Freud aponta para um aparelho de linguagem capaz de significar, de produzir o novo e, sobretudo, de produzir um efeito de sujeito. Esse aparelho nos aponta para o domínio do inconsciente.

Em seguida, o modelo de 1895, apresentado no *Projeto para Uma Psicologia Científica*, traz um aparato neuronal composto por 3 sistemas de neurônios que pretendem dar conta dos processos psíquicos descritos pelo metapsicólogo até aquele momento. O neurônio era concebido como o suporte material do aparato psíquico, sendo cada neurônio uma unidade separada, sem diferença de natureza entre eles. A diferença que Freud vai estabelecer é uma diferença estrutural e não de natureza.

“O aparelho neuronal concebido por Freud no *Projeto* é um aparelho capaz de transmitir e de transformar uma energia determinada” (...) O *Projeto* não é um trabalho descritivo baseado em observações e experimentos, mas um trabalho teórico de natureza fundamentalmente hipotética” (GARCIA-ROZA pág. 80).

Percebemos no trabalho do *Projeto* uma recusa das bases anatômicas da época e uma tentativa de explicar o psíquico através de novas vias, dessa forma, começa-se a produção do metapsicológico.

No próximo modelo, o da Carta 52 (1896), Freud explicita algumas idéias sobre a memória, destacando o fato dos traços mnêmicos sofrerem um rearranjo de tempos em tempos. O que Freud apresenta de novo em sua teoria é a maneira como se dá o mecanismo psíquico, ele diz que a memória não preexiste de maneira simples, mas múltipla e está registrada em diversas variedades de signos. Freud sugere que “nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação sucessiva, pois de tempos em tempos o material presente sob a forma de traços mnêmicos experimenta um reordenamento segundo novos nexos, uma retranscrição” (FREUD, 1986, apud GARCIA-ROZA, introdução à Metapsicologia Freudiana, Vol. I, 1991, (pp.197). Freud inicia a carta dizendo que o aparelho psíquico é essencialmente um aparelho de

memória. Memória esta que está sujeita a reordenamentos segundo novas articulações e que esses reordenamentos constituem uma seqüência de inscrições e retranscrições. Freud começa então a tentar descrever como se dá a memória. Ele afirma que a consciência se liga às percepções, mas não retém nenhum traço do que aconteceu; a consciência e a memória são mutuamente exclusivas. Nesse trabalho, Freud já faz menção ao inconsciente, mas apenas como aquilo que a consciência não tem acesso, assim como o pré-consciente, lugar ligado à representação verbal e correspondendo ao nosso ego. Devemos enfatizar que esse modelo trata da memória, sendo essa o principal concernimento da Carta 52.

Em seguida, em 1900, o autor desenha o que ficou conhecido com a 1a. tópica, composta por sistemas psíquicos (Ics., Pcs. e Cs.), revelando um aparato psíquico pensado ainda como um aparato de memória. Esse modelo foi desenhando e concebido durante os estudos sobre os sonhos e é fundamental entender primeiramente sobre as características gerais do sonho para depois chegarmos a forma como o modelo foi produzido. Freud afirma que a característica mais geral e notável do processo de sonhar seria o fato de um pensamento sobre algo desejado se objetivar no sonho e ser representado como uma cena, ou ainda, ser vivenciado. Há duas características dos sonhos: os sonhos se valem do presente da mesma forma que os devaneios (o presente é o tempo em que os desejos se representam como realizados) e o fato do conteúdo de representações transmutar-se de pensamentos em imagens sensoriais. É importante deixar claro que Freud tenta evitar a idéia de localização psíquica como se fosse anatômica e introduz a idéias de um “ponto no interior do aparelho em que se produz um dos estágios preliminares da imagem” (FREUD, 1900, pág. 567).

O sonho toma forma, segundo o autor, a partir de um desejo que busca realizar-se. Porém, este desejo muitas vezes passa despercebido por não ser reconhecido como desejo, assim como suas múltiplas peculiaridades e absurdos, devem-se à influência da censura psíquica a que foram submetidos durante o processo de sua formação. Há ainda fatores como a imagem sensorial que aparece quando sonhamos e a condensação do material psíquico que contribuem para a sua formação, assim como a fachada racional e inteligível também contribui para a formação e estrutura onírica. Porém, apesar de todos esses fatores é necessário estar atento em relação ao lugar que o sonho ocupa e o lugar que a vida anímica ocupa em nosso cotidiano. Assim, podemos dizer que o sonho se apresenta a nós como se fosse um texto que, de alguma forma, seja através de um fragmento constitutivo do conteúdo manifesto (aquilo que o sonhador tem acesso), faz

sentido. Muitas vezes, tal sentido é expresso através de fragmentos ou a partir de uma distorção, mas isso não ocorre devido ao acaso, mas sim devido às imposições e exigências da censura. “Essa censura, que diz respeito à relação do indivíduo com a linguagem, é da ordem da lei e, portanto, em última instância é externa ao sujeito” (Garcia-Roza, 2004, p.88). A censura, segundo Freud, é responsável pela distorção a que são submetidos os pensamentos latentes pelo trabalho do sonho. Na concepção de Freud, a censura vai se manifestar na fronteira entre os sistemas inconsciente e o pré-consciente ou até mesmo entre o pré-consciente e o consciente, portanto, algo que funciona na transição de um sistema para outro mais elevado.

O aparato é composto ainda por uma extremidade tanto sensorial, como motora. Na primeira, encontra-se um sistema que recebe as percepções e na segunda encontra-se um outro sistema que abre as comportas da atividade motora. O pré-consciente seria o último sistema antes da extremidade motora. Os processos excitatórios nele ocorridos podem penetrar na consciência facilmente, desde que certas condições sejam satisfeitas (ex: que eles atinjam certo grau de intensidade). Este é o sistema responsável pelo movimento voluntário. O sistema atrás deste seria o inconsciente, pois não tem acesso à consciência, senão através do pré-consciente. Portanto, podemos situar o impulso para a formação dos sonhos no sistema inconsciente e este forçará para avançar para o pré-consciente e, a partir daí, ganhar acesso à consciência. Sabemos que essa via é barrada durante a vigília através da censura imposta pela resistência, mas durante a noite ela consegue se fazer surgindo então a questão de como o fazem e através de que modificações. Podemos concluir dizendo que, de qualquer modo, toda regressão é efeito da resistência que se opõe ao avanço de um pensamento para a consciência pela via normal, e de uma atração simultânea exercida sobre o pensamento pela presença de lembranças dotadas de grande forças sensoriais. Sendo assim, o terceiro modelo de aparelho psíquico descrito por Freud introduz a idéia de um aparelho composto por sistemas, sensorial e motor, e assim, a idéia do inconsciente, pré-consciente e consciente.

Em sua obra “O Ego e o Id” de 1923, Freud introduz a 2a. tópica que substitui os sistemas psíquicos por instâncias (Ego, Id e Superego). Freud tem por objetivo mudar o foco de seus estudos saindo do que era o recalcado e indo para as forças que recalcam. Já é sabido que a consciência é a superfície do aparelho mental, dessa forma, ela é a primeira camada a ser atingida a partir do mundo externo. Mas, quando pensamos nos processos internos os quais podemos chamar de processos de pensamento, como isso se

dá? Esses processos representam deslocamento de energia mental e eles ocorrem em algum lugar no interior do aparelho.

Freud já havia sugerido que as idéias (pensamentos) que se dão no Pcs são colocadas em vinculação com representações verbais, enquanto as idéias (pensamento) do Ics. permanecem desconhecidas. Pode-se perceber então que os dois sistemas, Pcs e Ics. se distinguem um do outro. Um pensamento se torna pré-consciente quando vinculado às representações verbais que lhe são correspondentes, sendo assim, estas representações verbais que são resíduos de lembranças e que antes foram percepções, como todos os resíduos mnêmicos, podem vir a se tornar consciente de novo. Dessa forma, fica claro que somente algo que já foi uma percepção consciente pode tornar-se novamente consciente. Sendo assim, podemos dizer que uma palavra é, em última análise, o resíduo mnêmico de uma palavra que foi ouvida. Sem esquecermos-nos dos resíduos mnêmicos ópticos, que nos faz pensar em coisas, em figuras, mas essa é uma forma muito incompleta de tornar consciente, estando mais próxima do inconsciente do que o pensar em palavras.

Freud propôs chamar a entidade que tem início no sistema perceptório e começa por ser pré-consciente de 'ego' e a outra parte da mente, pela qual essa entidade se estende e que se comporta de maneira inconsciente, de 'id'. O ego não envolve todo o id, mas apenas até o ponto em que o sistema perceptório forma a sua superfície; o ego não se acha nitidamente separado do id: sua parte inferior funde-se com ele. O reprimido, então, também se funde ao id, e é simplesmente uma parte dele. Ele só se destaca nitidamente do ego pelas resistências da repressão, e pode comunicar-se com o ego através do id. O ego é aquela parte do id que foi modificada pelas influências do mundo externo. Além disso, o ego tenta aplicar a influência do mundo externo no id, tentando substituir o princípio do prazer que reina no id pelo princípio da realidade. Para o ego, a percepção desempenha um papel que no id desempenha a pulsão. O ego poderia corresponder ao que chamamos de razão e senso comum, enquanto que o id seria a paixão. Fica como função do ego transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria. Diante do exposto, podemos concluir que o quinto modelo de aparato psíquico é representado, portanto, pelo id e o ego, e estes em relação com o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. Estes últimos aparecendo mais como "lugares" e não mais como instâncias.

Por fim, o modelo de 1931 apresenta uma pequena, porém fundamental, variação do anterior: o Id é apresentado aberto em sua base, revelando uma zona de

indiscernibilidade entre corpo e psiquismo. Nesse modelo, Freud vai fazer uma investigação teórica sobre o material concreto da psicologia do ego. Assim, Freud quer transformar o ego em tema de averiguação. Dessa forma, o autor vai começar sua busca mostrando ao leitor como é possível fazer esse inquérito; em primeiro lugar mostra-nos que o ego é em sua essência sujeito, podendo este ser também objeto. “O ego pode tomar-se a si próprio como objeto, pode tratar-se como trata outros objetos, pode observar-se, pode criticar-se, sabe-se lá o que pode fazer consigo mesmo. Nisto, uma parte do ego se coloca contra a parte restante. Assim, o ego pode ser dividido; dividi-se durante numerosas funções suas – pelo menos temporariamente” (FREUD, 1932–1936, pág.2).

O autor tenta ainda mostrar que através da patologia pode-se perceber rachaduras e brechas que de outro modo nos escapariam. No caso dos doentes mentais, por exemplo, muitas vezes relatam estarem sendo “*molestados pela observação de poderes desconhecidos*” (FREUD, 1932–1936 p.3) quando estão fazendo ações diárias e normais. Essas observações para eles são feitas por pessoas que em suas alucinações relatam aos doentes mentais o que elas (as pessoas estranhas) observaram das suas ações. O autor vai supor a partir dessas pessoas insanas, a hipótese de realmente existir no ego de cada um de nós uma instância que observa e ameaça punir “(...) e que nos doentes mentais se tornou nitidamente separada de seu ego e erroneamente deslocada para a realidade externa” (FREUD, 1932–1936 p.3). A partir dessa hipótese o autor forma a idéia de separação da instância observadora, do restante do ego; levando-o a investigar as várias características e conexões da instância que estava separada. Essa instância separada deve ser o que chamamos de consciência, a qual a partir do conteúdo dos delírios, primeiro observa para depois vir a julgar e a punir. Devemos então considerar a instância como algo independente e entender que a consciência é uma de suas funções, “(...) e que a auto-observação, que é um preliminar essencial da atividade de julgar da consciência, é mais uma de tais funções” (FREUD, 1932–1936 p.4). A partir de então, Freud vai começar a descrever essa instância independente que existe no ego como ‘superego’.

Freud divide, portanto, o psiquismo em três regiões: id, ego e superego, e assim conclui seu quinto modelo de aparelho mental. A diferença para o aparelho de 1923 é que o superego foi incluído no modelo.

## 5 Bibliografia

- FREUD, S. (1900). *‘A Interpretação dos sonhos’*. Vol. V, Rio de Janeiro: Imago
- (1891 [1973]). *‘La Afasia’* (R. Alcade, Trad.). Buenos Aires: Nueva Visión.
- (1896). *‘Carta 52’*. Vol. I, (pp. 281), Rio de Janeiro: Imago
- (1923). *‘O ego e o Id’*. Vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago
- (1950 [1985]). *‘Projeto para uma Psicologia Científica’*. Vol. I, (pp. 333), Rio de Janeiro: Imago
- (1932). *‘Conferência XXXI, A Dissecção da Personalidade Psíquica’*. Vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago
- (1915). *‘Os instintos e suas vicissitudes’*. Vol. XIV, Rio de Janeiro: Imago
- GARCIA-ROZA, L.A. (2001). *‘Introdução a metapsicologia Freudiana’*. Vol. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar